

Anistia para todos

Heródoto Barbeiro (*)

O governo quer que todo o poder político fique concentrado na capital do Brasil.

Velho modelo político despreza a descentralização administrativa e acusa de golpistas os que querem que o poder não seja mobilizado pelas mãos de poucos. A elite governamental não admite que políticos liberais tomem parte do governo e ameacem a estrutura social e econômica do país.

Qualquer desvio dessa diretriz é punido com severidade e, para isso, o governo conta com o apoio das Forças Armadas, prontas a intervir em qualquer região do Brasil e a usar da força e da violência para impedir que a oposição contamine outras regiões. O embate político sai do campo das ideias e propostas e cai no campo da força.

O Poder Judiciário atua sob coordenação do governo. Os jornais dizem que há uma contaminação de poderes e que isso não está previsto na Constituição do Brasil. Acusam os magistrados de atuar fora da lei e não aceitar a argumentação e a defesa dos acusados de golpe de Estado. Os sediciosos devem ser tratados com a máxima severidade e isso é combinado nos palácios da capital do país.

Golpe de Estado não é uma ação incomum na América Latina, os países vizinhos também trocam constantemente de dirigentes, que chegam ao poder com o uso da força e implantam ditaduras. A região está muito longe do exemplo criado pela Constituição americana, que preserva o direito de liberdade, governo dos eleitos, e onde um golpe de

Estado é impensável. O Brasil vive há alguns anos em constante instabilidade política que se espalha pela sociedade no campo e nas cidades.

A alavanca para o golpe é a radicalização política e o embate entre os dois maiores conglomerados partidários. Liberais de um lado e conservadores de outro. Um quer a autonomia regional, outro quer a centralização das decisões na capital. Os conservadores estão no poder e não perdem tempo. Aprovam rapidamente leis que restauram o controle do governo central sobre o Judiciário e as províncias, fortalecendo o poder imperial.

O jovem D. Pedro II é totalmente controlado pelos conservadores. Liberais se revoltam, pegam em armas e elegem um presidente local. Estoura em 1842, em Sorocaba, São Paulo, um levante militar liderado por Rafael Tobias de Aguiar e pelo ex-regente e senador Diogo Feijó. Ambos são presos pelas forças de Caxias. Feijó é exilado no Espírito Santo.

Surge um novo debate se eles merecem ou não a anistia. Os moderados conservadores defendem que a anistia pode pacificar o Brasil. Dois anos depois da tentativa de golpe todos são anistiados e isto inicia uma tradição no país. Pedro II governa o Império Brasileiro até que é derrubado por um novo golpe de Estado militar.

Desta vez, vitorioso e sem nenhum líder preso, chegam ao poder na República dos Estados Unidos do Brasil.

(*) - É professor e jornalista, âncora do Jornal Novabrazil, colunista do R7, do Podcast. Mestre em História pela USP e inscrito na OAB. Palestras e mídia training. Canal no Youtube (www.herodoto.com.br).

Demitidos em função de inteligência artificial são recontratados

A inteligência artificial tem sido apontada como responsável por centenas de milhares de demissões ao longo do último ano.

Vivaldo José Breternitz (*)

Mas cresce a evidência de que muitas empresas se precipitaram ao passar para ferramentas de IA funções antes exercidas por humanos; estudos recentes mostram que companhias estão recontratando pessoas, após perceberem que os ganhos de produtividade e economia prometidos pela IA foram superestimados.

Pesquisas indicam que cerca de um terço das empresas que substituíram trabalhadores por IA já readmitiram parte deles ou manifestaram arrependimento. Um relatório da Forrester Research, publicado no fim de 2025, previu que aproximadamente metade das demissões atribuídas à IA seria revertida, embora sem alarde.

Esse “efeito bumerangue”, no entanto, não beneficia igualmente a todos: enquanto profissionais experientes estão sendo recontratados, os que buscam vagas de nível júnior continuam enfrentando dificuldades. A mesma Forrester prevê que muitas companhias aproveitarão a oportunidade para recorrer a mão de obra mais barata no exterior.

A consultoria Gartner também apontou, em fevereiro, que metade das empresas que eliminaram postos de trabalho voltados ao atendimento ao cliente deverá recriá-los até 2027. Em outra pesquisa, apenas 20% dos que dirigem essas áreas afirmaram ter reduzido efetivamente o quadro de funcionários ao adotar IA, sugerindo que a tecnologia tem servido mais para complementar do que substituir trabalhadores.

Relatório da consultoria de recursos humanos Robert Half, que opera também no Brasil, citado pela revista *Fast Company*, revelou que 29% das empresas pesquisadas



Studio4_CANVA

recontrataram funcionários para os mesmos cargos que haviam eliminado; as áreas de finanças (44%), recursos humanos (35%) e tecnologia (32%) lideraram as contratações, seguidas por marketing, jurídico, saúde, administração e atendimento ao cliente. A conclusão parece clara: embora IA execute tarefas com rapidez e eficiência, a queda na qualidade exige mais supervisão humana do que se imaginava.

Entre 2 mil profissionais da área de recursos humanos entrevistados pela Robert Half, 40% afirmaram que a IA não substitui o conhecimento institucional; 38% reconheceram ter subestimado a necessidade de controle de qualidade feito por humanos; e 35% relataram ganhos de produtividade abaixo do esperado. Dados de novembro, obtidos junto a 142 empresas globais, com 2,4 milhões de empregados, confirmaram a tendência de aumento nas contratações.

Shadow AI: o que é, quais os riscos e como as empresas podem encarar o problema

A inteligência artificial vem se tornando uma prioridade nas empresas, mas sua adoção ainda acontece de forma pouco estruturada. No dia a dia, enquanto lideranças discutem políticas e estratégias para impulsionar resultados, muitos funcionários já incorporam ferramentas como chatbots à rotina por conta própria. A prática recebeu o nome de shadow AI e se refere ao uso de soluções de IA sem o conhecimento ou a aprovação da área de tecnologia ou da gestão.

Segundo levantamento do Gartner, 69% das empresas suspeitam ou têm evidências de que seus funcionários estão usando GenAI não autorizadas. Plataformas como ChatGPT, Claude e Gemini passaram a ser usadas para acelerar tarefas, revisar textos, organizar informações e até apoiar decisões.

Para a CRO da Agility, Kelly Stefani, o movimento é silencioso e costuma ser resultado da pressão por produtividade combinada à falta de diretrizes claras. “Esse uso mais informal geralmente não acontece por descuido, mas por necessidade. As pessoas estão tentando ganhar tempo, entregar mais e lidar com demandas cada vez maiores. O problema é que fazem isso sem orientação, o que abre espaço para erros e exposição de dados”, afirma.

Os riscos de recorrer a essas ferramentas sem a devida orientação incluem exposição de dados sensíveis, o uso de informações imprecisas e a tomada de decisões sem validação adequada. Além disso, o uso



Divulgação/Agility

de IA sem coordenação ainda pode aumentar a complexidade operacional e os custos de manutenção. Uma previsão do Gartner aponta que, até 2030, 50% das organizações enfrentarão atrasos nas atualizações de IA e/ou aumento dos custos de manutenção devido à dívida técnica não gerenciada da GenAI.

A executiva destaca que o problema exige mais do que bloquear acessos ou apostar apenas em campanhas de conscientização. À medida que ferramentas de IA se espalham por navegadores, aplicativos e até ambientes de desenvolvimento, o uso se torna cada vez mais difícil de mapear.

“Não dá mais para tratar o uso de IA como algo pontual ou restrito a áreas específicas. Ele já está distribuído pela empresa e fora dela. O primeiro passo é ganhar visibilidade

sobre quem usa, quais ferramentas e em quais contextos”, orienta.

Esse mapeamento ajuda a reduzir uma das principais fragilidades do shadow AI: a falta de controle sobre como e onde essas ferramentas estão sendo utilizadas. A partir daí, entra um segundo desafio, que é criar regras que façam sentido na prática. Em vez de simplesmente liberar ou bloquear, empresas devem adotar políticas que considerem o tipo de ferramenta, o perfil do usuário e, principalmente, os dados envolvidos em cada interação.

“Se as pessoas não entenderem o risco, vão continuar usando do mesmo jeito. O que funciona é definir limites claros: que tipo de informação pode ser usada, em quais ferramentas e de que forma. Isso reduz o problema sem travar a produtividade”, pontua.

News@TI

Flamboyant e UFG firmam cooperação inédita

Com foco em tecnologia, automação e inteligência de dados, o Flamboyant e a Universidade Federal de Goiás (UFG) oficializam, no dia 10 de junho, a assinatura do termo de cooperação entre as instituições. A proposta é consolidar uma nova cultura de inovação por meio da aplicação de inteligência artificial. A iniciativa ocorreu na abertura do Conecta CEIA, um dos principais encontros de Inteligência Artificial da América Latina, sediado no Flamboyant Hall, de 10 a 12 de junho. A formalização do acordo contou com a presença da CEO do Flamboyant Alessandra Louza e da reitora da UFG professora Sandramara Chaves e foi prestigiada por personalidades do setor como Anderson Soares, presidente do Conselho do CEIA e VP do AI Brasil, da Profª Telma Woerle, diretora geral do CEIA e Arlindo Galvão, diretor de internacionalização do CEIA.

CTO do Stark Group aponta integração entre Pix, blockchain e stablecoins

O futuro dos pagamentos não será definido por uma única tecnologia, mas pela integração entre diferentes sistemas capazes de oferecer experiências cada vez mais rápidas, seguras e transparentes. Essa foi uma das principais mensagens apresentadas por Eduardo Santos, CTO do Stark Group, durante o painel "Fintech: Payment Infrastructure, Pix and Blockchain", realizado no Web Summit Rio 2026. Ao lado de executivos da Sphere Labs e da Barte, o executivo participou de um debate sobre a evolução da infraestrutura financeira global, abordando temas como Pix, blockchain, stablecoins e pagamentos internacionais. Segundo Santos, o sucesso do Pix trouxe uma importante lição para o mercado financeiro: consumidores e empresas não estão interessados na tecnologia em si, mas na capacidade de resolver problemas de forma simples e eficiente.